Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

O PAPEL DO PSICOLOGO NA ESCOLA

Margarida Aurea Lisboa Costa Moura[1]

Joselito Araújo Silva[2]

RESUMO

A atuação do psicólogo no contexto escolar vem sendo motivo de discussão desde as últimas décadas, na tentativa de construir novas perspectivas teóricas e práticas para a profissão, que até então, esteve pautada no modelo clínico de intervenção. Logo, o presente estudo tem por objetivo compreender da perspectiva da equipe técnico-pedagógica de uma escola da rede pública do interior do Estado de Rondônia como é a percepção do trabalho do psicólogo escolar e educacional. Participaram dessa pesquisa, seis pedagogos, sendo este um estudo qualitativo-descritivo, na qual através dos dados obtidos, constatou-se por meio da análise de conteúdo, que ainda há desconhecimento e equívocos sobre as expectativas em torno do papel do psicólogo escolar e educacional, mas também possibilita novas discussões sobre uma prática crítico-reflexivo que considere o processo educacional como um todo.

Palavras-chave: Psicólogo Escolar e Educacional. Equipe técnico-pedagógica. Psicologia Escolar e Educacional.

[1] Aurinha32@yahoo.com.br
[2] joselitoraujo947@gmail.com

INTRODUÇÃO

A atuação do psicólogo é amparada por leis que estabelecem e amparam a sua prática por todo país, portanto descreveremos algumas partes concernentes à mesma e pesquisas recentes na área para que possamos entender melhor a possível relação entre a teoria e prática no contexto nacional.

De acordo com o Catálogo Brasileiro de Ocupações do Ministério de Trabalho, conforme Ofício Circular 006/2004 – CRP 01 Seção/RO, datado de 15 de outubro de 2004, o psicólogo educacional tem como uma de suas responsabilidades colaborar na compreensão e mudança do comportamento de educadores e educandos, no processo de ensino aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, dentre outras atribuições que devem estar sempre relacionadas às dimensões política, econômica, social e cultural. Além disso, também tem como responsabilidade a realização de pesquisa, diagnóstico e intervenção psicopedagógica individual ou em grupo, sendo incluído também na elaboração de planos e políticas referentes ao Sistema Educacional, visando promover a qualidade, a valorização e a democratização do ensino. Outro dado que nos chama atenção na atribuição destinada ao psicólogo escolar está relacionada à função de diagnosticar as dificuldades dos alunos dentro do sistema educacional, a fim de encaminhar aos serviços de atendimento da comunidade aqueles que requeiram diagnóstico e tratamento de problemas psicológicos específicos cuja natureza transcenda a possibilidade de solução na escola, buscando sempre a atuação integrada entre escola e a comunidade.

Psicólogo e a escola

Ao psicólogo cabe procurar os sentidos ocultos do discurso explícito dos educadores e da escola que demarca a prática; ampliar seu olhar observador com uma sensibilidade clínica, procurando dar sentido a subjetividade, e um a mais, que Ageno denomina como "plus"; deslocando-se do lugar que ele é instituído pela demanda docente, não ficando preso à problemática aparente.

Faz-se necessário que o psicólogo observe sempre antes de intervir sobre qualquer assunto, agindo baseado em técnicas específicas e muita sutileza (e porque não: bom-senso). Diferente das pesquisas de Ageno que são muito mais direcionadas ao estudo, a uma teorização da atuação com conceitos técnicos, está a busca objetiva na intervenção escolar colocada por Andreazzi.

Cabe ao psicólogo escolar mostrar aos professores que a maneira como eles

tratam seus alunos é importante. Levar o conhecimento de que a subjetividade do aluno está em constante formação, nas inter-relações, e que se o aluno não apresenta um bom comportamento isso não é algo inerente a ele, ou a um grupo que ele pertença, mas sim, foi construído no seu contexto histórico, e determinado por ele.

Assim, a subjetividade do aluno, da pessoa, é vista como unidade do diverso (de todas as suas relações), síntese de múltiplas determinações, indissociável da intersubjetividade (relações entre os homens), construída pela sua apropriação da cultura humana, ou seja, resultado da atividade social humana (das objetivações humanas-linguagem, instrumentos, utensílios, comportamentos, pensamentos), segundo Pan e Colls (2011).

Dessa forma, mostra-lhes que o homem é um ser social, construído. Ele não nasce com as suas características individuais, com suas potencialidades, inteligência, deficiências e limitações, pois, antes de construir sua subjetividade ele se encontra em um contexto coletivo, onde necessita apropriar da cultura humana. São suas experiências e os sentidos atribuídos a ela que formará a sua maneira de ser, sua subjetividade, esta determinada pelo seu meio e pelos sentidos do sujeito, pertencente a um contexto político, econômico e historicamente construído.

Podemos pensar, então, no fracasso escolar não como um problema do indivíduo, algo inerente dele, mas fruto das relações que ele mantém e manteve em seu desenvolvimento. Cabe ao psicólogo escolar, segundo Checchia (2003) promover reflexões a respeito de práticas sociais e escolares que produzem os problemas de aprendizagem; se perguntar quem é este sujeito escolar, de onde veio, como estudou, quais oportunidades teve, quais os professores passaram por sua história e como se deu essas relações. Além de tentar despertar a reflexão dos vários fatores que interferem na produção da queixa escolar, procurando entender qual o local que o aluno se insere na relação com a escola. Possibilitar que o professor considere a importância da sua relação com o aluno na construção da sua subjetidade e remover obstáculos da aprendizagem. Entendendo que problemas de aprendizagem devem ser entendidos no conjunto de relações institucionais, históricas, psicológicas e pedagógicas que constitui a escola.

Para Meira (2003) o psicólogo escolar deve criar condições para que os docentes repensem e problematizem suas práticas; ajuda-los na compreensão do importante papel que tem como agentes da história; auxiliar na compreensão crítica em relação ao psiquismo, desenvolvimento

humano, e de suas articulações com a aprendizagem e as relações sociais.

Acreditamos que esta visão de homem (ser construído pelas e nas suas relações) é de suma importância para que os professores não culpabilizem os alunos pelos seus fracassos escolares, atribuindo a eles limitações ou deficiências. Assim, o professor pode se ver envolvido nesse processo de educação, assim como também ser responsável pelo fracasso de seus alunos. Não com o intuito de retirar a responsabilidade do aluno, da família, e atribuí-la aos professores, mas, mostrar-lhes que professores também determinam, nas suas maneiras de relacionar-se com o aluno, o modo de ser dele.

Dessa forma, o psicólogo atribui ao professor a importância de sua atividade na formação da constituição da subjetividade do sujeito. Transmitindo, assim, o pensamento de que a inter-relação aluno-professor é essencial para o fracasso ou sucesso da educação. Além disso, cabe ao psicólogo mostrar aos próprios alunos, quando possível, que eles também têm um papel ativo na sua própria educação, e são responsáveis pelas apropriações que fazem, através das mediações dos professores.

Na orientação de pais em situações em que houver necessidade de acompanhamento e encaminhamento do aluno para outros profissionais, como o Psicólogo Clínico, etc.; Orientação, capacitação e treinamento de professores sobre como trabalhar em sala de aula levando em consideração aspectos educacionais implementando a metodologia de ensino que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual, social e emocional do aluno; Desenvolver orientação vocacional e profissional aplicando sondagem de aptidões a fim de contribuir com a melhor adaptação do aluno no mercado de trabalho e sua conseqüente auto-realização; Coordenar grupo operativo com família e equipe de profissionais da Escola; Executar oficinas pedagógicas em sala de aula, elaboradas e realizadas em conjunto com professores de acordo com a demanda de cada sala de aula; Trabalhar questões da adaptação dos alunos; Auxiliar na construção e execução de projetos de ordem multidisciplinar realizados na Escola; Realizar tarefas de ordem institucional como recrutamento e seleção de pessoal, elaboração de planos de cargos e salários, avaliação de desempenho, entre outros; Atuar como facilitador das relações interpessoais da equipe escolar.

Dentro deste imenso universo de atuações gostaria de refletir sobre alguns pontos importantes no contexto escolar. Quando o Psicólogo é requisitado para fazer parte de uma equipe escolar raramente se tem claro quais são as atividades que o mesmo poderá delimitar como parte da sua

atuação. O lugar que o psicólogo ocupa na escola é uma questão muito delicada e que vemos como um campo muito amplo de discussão.

Com base nos artigos de Raul Mário Ageno "O psicólogo na (s) instituição (ções) educativa(s)" e Luciana Castrillon Andreazzi "Uma história do olhar e do fazer do psicólogo na escola", podemos observar que este lugar do psicólogo na escola ainda está sendo conquistado.

De acordo com Ageno, o psicólogo tem diversos campos de atuação, como a saúde, trabalho e justiça, que embora tenham metodologias direcionadas que variam, não podem alterar o lugar que o psicólogo ocupa. Trata-se desta maneira, de esclarecer qual é o lugar que o psicólogo ocupa em relação a um objeto de estudo que lhe seja especifico, e a partir de então, definir a sua prática, ou seja, o que cabe dentro da demanda institucional.

Numa retrospectiva histórica da atuação escolar do psicólogo, teremos o seu ingresso através dos denominados gabinetes psicopedagógicos onde havia um pedido de auxílio, em relação aos alunos com déficit de aprendizagem e àqueles com dificuldade de adaptação as normas (alunos "problemas"). Assim, a psicologia era solicitada como um instrumento cientifico a serviço da educação para fins orientativos. Como resposta a tal demanda a psicologia atuava com testes psicométricos projetivos, entrevistas, que terminavam por rotular os alunos. Esse processo também englobava o aconselhamento dos pais e professores com fins de encaminhamento para o tratamento terapêutico.

Neste momento evidencia-se uma dificuldade na escola em refletir e questionar sobre seu próprio andamento institucional, depositando parte da responsabilidade sobre o fracasso de aprendizagem do aluno. Sendo o aluno o real depositário da problemática evidenciada pela escola ao psicólogo, nesta etapa não era possível interpretar a demanda da escola. Considerando que o trabalho está envolvido por um local, pessoas, e normas, o psicólogo deparou-se com limitações institucionais educativas implícitas que o impossibilitaram de ir além do exposto.

Através de uma abordagem sócio-cultural e crítica, Andreazzi coloca que a descoberta do profissional psicólogo na instituição educacional é muito mais difícil do que aparenta, porque embute um caminhar junto com os outros membros, sendo que sem a construção do vinculo objetivo não é possível à intervenção. O trabalho a ser desenvolvido contém fatores idealizados não condizentes com a prática, dessa forma, se o psicólogo não se enquadra no sistema institucional, pode ser "boicotado" em suas produções. Como num primeiro momento não há por parte do psicólogo uma inclusão de sua pessoa nos

temas abordados pela sua dinâmica de mediador de relações, agente de mudanças, de intervenção no contexto, a equipe escolar não se sente segura e a vontade para explicitar a verdadeira demanda.

Outro aspecto importante do atuar do psicólogo se refere à diferença que deve estar clara com a atuação clínica. A escola não deve e não pode funcionar como um local de atendimento individual, mas a fundamentação do sujeito é semelhante e não tem como ser diferente, visto que o "objeto-alvo" é o mesmo – o homem. O psicólogo como um agente facilitador deve estar sempre atento a real condição do educador e do educando, entendendo seu olhar à vida como um todo consciente de que intervir implica sensibilidade e objetividade, até mesmo para que haja a construção do vínculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Andrada (2005), o psicólogo vem sendo muito requisitado para atuar junto à equipe escolar, mas ainda é compreendido como aquele que trata os alunos problema, os devolvendo a sala de aula bem ajustados, caracterizando esta, uma visão de intervenção clínica que deve ser abolida das escolas, por parte de diretrizes que fundamentem a atuação desse profissional. Essa distorção ocorre devido a vários fatores, porém entre eles se destaca o percurso histórico da psicologia dentro do âmbito educacional, que se apoiava anteriormente em instrumentos próprios da clínica para intervir no contexto educacional, partindo de uma psicologia voltada a práticas individualizadas e psicometrista, mas que atualmente necessita estabelecer novas intervenções e se desvencilhar das marcas históricas deixados no passado (ANDRADA, 2005; TULESKI et al, 2005).

No entanto sabemos que isso não é uma tarefa fácil, pois existem ainda muitos profissionais da educação que desconhecem o papel do psicólogo escolar e educacional e atribui uma expectativa clínica a sua atuação. Isso dificulta a inserção do psicólogo no contexto educacional, porém nos possibilita pensar em novas perspectivas de atuação que desmistifiquem essa visão distorcida, trabalhando pra disseminar uma prática crítico–reflexiva no contexto educacional, vendo a escola como um sistema constituído de relações.

Tão logo cabe a todos nós refletir que diante das dificuldades encontradas até mesmo por muitos psicólogos em desenvolver uma prática voltada para desmistificação desses conceitos, como podemos esperar que a equipe técnico-pedagógica, com formação em outra área, e com um contato somente com psicólogos clínicos, atribua ao psicólogo outro papel.

Portanto, mediante esses resultados, é possível perceber o árduo e longo caminho que ainda temos que percorrer ao falarmos na atuação do profissional de psicologia no cenário educacional. Assim sendo, esperamos que novas pesquisas sejam desenvolvidas sobre a temática e que estas possam contribuir para uma melhor compreensão da atuação do psicólogo no contexto escolar, enriquecendo ainda mais os pressupostos teóricos nacionais para a consolidação da prática do psicólogo como parte integrante do Sistema Escolar.

REFERÊNCIAS

AGENO, Raul Mário. "O psicólogo na(s) Instituição (coes) Educativa (s)". IN: Revista de Ciência e Educação. Educação e Sociedade. Cedes. Ano XV. Dezembro. N°49. Campinas. Ed. Papirus. 1994. Pág. 550-557.

AGUIAR, W.M.J (2010). **Reflexões a partir da Psicologia Sócio Histórica sobre a Categoria "Consciência"**. Caderno de Pesquisa, n 110, 125-142.

ANDRADA, E. G. C. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, ABRAPEE, v. 18, n. 2, 2005. p. 196-199. Disponível em: <fhttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200007>. Acesso em: 10 out. 2011.

ANDREAZZI, Luciana Castrillon. "Uma história do olhar e do fazer do psicólogo na escola". IN: **Psicologia e Saúde: Repensando Práticas**. HUCITEC. 1992. Pág. 65-84.

ANTUNES, M. M. (org). **Psicologia Escolar**:Teorias Críticas. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 105-138.

BRASILEIRO, T. S. A.; SOUZA, M. P. R. **Psicologia, diretrizes curriculares e processos educativos na Amazônia**: um estudo da formação de psicólogos. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, ABRAPEE, v. 14, n. 1, 2010. p. 105-120. Disponível em: <fhttp:// http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a12.pdf >. Acesso em: 17 out. 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, C. R.; SOUZA, I. E. R.; RONCAGLIO, S. M. Atribuições prioritárias do psicólogo escolar. In: _____. **Momentos em psicologia escolar**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2009. p. 18-58.

GOMES, V. L. T. A formação do psicólogo escolar e os impasses entre a teoria e a prática. In: GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia escolar**: LDB e educação hoje. 3. ed. Campinas: Alínea, 2007. 39-59

GOULART, Íris Barbosa. "**Psicologia da Educação: Fundamentos Teóricos aplicações à prática pedagógica**". Petrópolis. Ed. Vozes. 2000.

GUZZO, R. S. L.; COSTA, A. S. C.; SANT'ANA, I. M. Formando psicólogos escolares: problemas, vulnerabilidade desafios e horizontes. In: MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Org.). **Psicologia escolar**: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação. Campinas: Alínea, 2009. p. 16-35.

GUZZO, R.S. L. et al. **Psicologia e educação no Brasil**: uma visão da história e possibilidades nessa relação. Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, v. 26, n. esp, 2010. p. 131-141. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2011.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar na educação superior: novos cenários de intervenção e pesquisa. In: _____. **Psicologia escolar**: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação. Campinas: Alínea, 2009. p. 155-202.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C de. Encontros, desafios e impasses: a história da articulação entre a psicologia e a educação no Brasil. In: _____. **Psicologia escolar**: construção e consolidação da identidade profissional. Campinas: Alínea, 2008. p. 13-24.

MEIRA, M. E. M. (2003) **Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar**: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Sócio-Histórica. In
MEIRA, M.E.M.; ANTUNES, M.M. (orgs). **Psicologia Escolar**: Teorias Críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 13-77).

NOVAES, M. H. Repensando a formação e o exercício profissional do psicólogo escolar na sociedade pós-moderna. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). **Psicologia escolar:** ética e competência na formação e atuação profissional. Campinas: Alínea, 2006. p. 127-134.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SOUZA, M. P. R. Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. Psicologia Escolar e

Educacional, São Paulo, **ABRPEE**, v. 13, n. 1, 2009. p. 179-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572009000100021&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2011.

TADA, I. N. C.; SÁPIA, I. P.; LIMA, V. A. A. Psicologia Escolar em Rondônia: formação e práticas. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, **ABRAPEE,** v. 14, n. 2, 2010. p. 333-340. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000200015.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

TULESKI, S. C. et al. Voltando o olhar para o professor: a psicologia e a pedagogia caminhando juntas. **Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense,** Niterói, EDUF, v. 17, n. 1, 2005. p. 129-137. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100010>. Acesso em: 18 ago. 2011.

s
o
b
o
d